

O cotidiano de trabalhadores negros em Natal

Estado: Rio Grande do Norte (RN)

Etapa de Ensino: Ensino Fundamental II

Modalidade: Educação de Jovens e Adultos

Disciplina: Sociologia

Formato: Presencial

+ Árison Rodrigo de Brito

Professor de História da Educação básica, atuante desde 2005 e concursado desde 2014, é estatutário das redes estadual do RN e do município de São Gonçalo do Amarante-RN. Atualmente, encontra-se em fase de conclusão de seu Bacharelado em Direito pela UFRN, MBA em Gestão Escolar pela USP e Mestrado em Ensino de História pela UFRN/UFRJ. Tem interesses em pautas que visam conferir cidadania aos grupos historicamente marginalizados na sociedade brasileira, como pessoas negras, indígenas, trabalhadores, LGBTs e mulheres.

Observações

A proposta de trabalho em questão é muito gratificante, pois envolve várias linguagens e dialoga com outros componentes curriculares. Assim, pretendo realizá-lo novamente com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de Natal-RN, em bairro da periferia, bem como com alunos da Escola do Ensino Fundamental II na comunidade de Bela Vista na Zona Rural de São Gonçalo do Amarante, buscando ampliar o repertório deles e da comunidade para lidar com conteúdos da Lei 10.639/2003.

Principais aprendizagens

As pessoas, tanto os estudantes, quanto os demais participantes da comunidade

escolar, acabam por entender a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. E mais que isso: passam a se ver como protagonistas nesse processo. Não se trata basicamente de mudar o foco etnocêntrico europeu por outro africano ou mesmo indígena, mas da ampliação curricular, tendo a escola condições de ampliar seu repertório em matéria de diversidade cultural, social, econômica, racial. Imagino que o que eu teria feito de diferente seria ter entrado em contato com a secretaria de educação e tornado a exposição itinerante, passando por várias escolas.

Dificuldades encontradas

A dificuldade foi de ordem material. Ou seja, imprimir as fotografias, adquirir os demais materiais para tornar a exposição fotográfica uma realidade (Importante lembrar que estou falando de uma escola na zona rural, de população majoritariamente vulnerável socialmente. Talvez outro desafio tenha sido lidar com a timidez dos alunos no momento de preparação para esclarecer suas escolhas de cenário e sujeitos contidos nas imagens expostas.

Estratégias adotadas

Contei com o apoio da coordenação pedagógica e da gestão. Com a quantidade de estudantes, não seria possível realizar a exposição sozinho, nem mesmo orientá-los quanto às dúvidas que surgiam no processo. Coloquei meu telefone a disposição dos estudantes para dúvidas e para execução do trabalho. Usei a estratégia de aula, sim, aula não, destinar a ouvir as angústias, as ideias e as expectativas dos alunos sobre o trabalho. Adotar essa postura acabou por construir mais segurança nos alunos; sem contar que eles sentiam que o trabalho tinha um fim social coletivo, não era apenas sobre eles e, sim, sobre a comunidade. Eles percebiam que, ao seu modo, contribuíam para melhorar a sociedade, eram protagonistas.

Relato da experiência

Foram realizados vários momentos em sala de aula e em outros lugares da escola, buscando construir consciência nos alunos sobre a importância das contribuições do povo negro e dos povos indígenas; das mulheres negras e indígenas. É importante ressaltar que essa busca por fortalecer o lugar do povo negro na cultura brasileira

acontece de forma transversal e durante muitos momentos do ano letivo, em uma lógica curricular, e buscando cumprir o que determina a legislação da Base Curricular Nacional, dentre outras legislações voltadas a educação. Assim, trabalhamos com documentário; com imagens; com fragmentos de textos, dentre outras fontes. Construimos um repertório com os alunos, de modo que a exposição fotográfica seja mais um ponto de chegada dessa construção complexa sobre conteúdo da Lei 10.639/2003. No dia da exposição, compareceram responsáveis, familiares, vizinhos e também as pessoas que serviram de referência para compor a exposição de fotos. Houve uma grande empolgação: não apenas os estudantes se sentiram protagonistas e empoderados, mas a comunidade em geral compartilhou do mesmo sentimento de pertencimento e identificação com o conteúdo trabalhado. A justificativa para escolher a exposição fotográfica se deu pelo fato de que a maioria dos estudantes tem um celular com câmera. Vivemos em uma sociedade muito pautada na visualidade, os estudantes fazem fotos o tempo todo, e, assim, estariam confortáveis na elaboração da atividade, que se tornou prazerosa. Além dos interesses atrelados ao currículo e legislações, há um componente particular: demandas de reparação e busca por uma educação mais democrática e acessível, sobretudo, pelo fato de que a maioria dos alunos são de origem afro-ameríndia.

Pessoas envolvidas

Os atores envolvidos foram os estudantes de todo o Ensino Fundamental II na Escola Rural Professora Jéssica Débora Bezerra. Pretende-se replicá-la no Ensino Médio (Modalidade EJA) no CEJA Professora Lia Campos, além de envolver a gestão e coordenação e toda a comunidade escolar, uma vez que os alunos realizaram uma pesquisa prévia para escolher o cenário e as pessoas que seriam fotografadas para compor a exposição dentro da comunidade de Guanduba.

A experiência

Trata-se de uma exposição fotográfica sobre as pessoas comuns da comunidade de Guanduba em São Gonçalo do Amarante no Estado do RN. A atividade foi desenvolvida para atender os objetivos da Lei 10.639/2003 para trabalhar conteúdos relacionados à autoestima dos estudantes, bem como para mostrar a importância das personalidades

locais: as mulheres e trabalhadoras da comunidade que majoritariamente são afrodescendentes. Assim, o trabalho valoriza o lugar dessas pessoas, desconstruindo a ideia de que apenas pessoas afamadas servem de referência para a luta das mulheres e pessoas negras. O empoderamento de gênero; o fortalecimento da identidade racial e mesmo o protagonismo juvenil são resgatados e fortalecidos. Além disso, inserimos a fotografia como uma fonte histórica e despertamos o interesse dos alunos por essa técnica e arte.